

DO ARADO AO BORDADO: MUDANÇAS NO TRABALHO DO HOMEM DO SERTÃO

José Clerton de Oliveira Martins¹
Liliana Leite Chagas²

RESUMO: Este estudo discorre sobre a mudança realizada pelo homem sertanejo de atividade rural, especificamente da agricultura, para uma nova ocupação no trabalho, o bordado. Esse, definido socialmente até a atualidade, como um lugar dominado pelo gênero feminino. Trata-se de um estudo sobre o fenômeno que envolve reflexão acerca das relações de gênero, trabalho e identidade. O cenário dessa transição passa-se no sertão, localizado na região nordeste, de raízes históricas predominantemente patriarcais e de pouca mobilidade social para aqueles que ali se encontram. Para efeito de estudo, baseou-se numa abordagem metodológica qualitativa, sendo priorizada a etnografia e a fenomenologia. Os resultados nos revelam a adaptabilidade motivada pela sobrevivência, além de uma tolerância e pouca resistência aos modelos que se apresentam como fonte alternativa de trabalho no sertão.

PALAVRAS-CHAVE: Sertão. Gênero. Cultura. Trabalho. Identidade.

ABSTRACT: This text discourses about the change carried by the man of the countryside, specially of agriculture, for a new occupation, the embroidering. This occupation is socially defined, even in the present time, as a place dominated for female gender. The study deals with the phenomenon that involves a reflection about gender relations, work and identity. The scene of this

¹ Doutor em psicologia. Prof. Titular da Universidade de Fortaleza. Prof. Visitante da Universidad de Deusto-Espanha

² Psicóloga. Mestra em psicologia pela Universidade de Fortaleza.

transition takes place in the backwoods, located in the northeastern region of Brazil, a place with predominantly patriarchal historical antecedents and little social mobility for those that live there. The study it was based on a qualitative methodological boarding, being prioritized the ethnography and the phenomenology. The results reveal the adaptability motivated for the survival, beyond the tolerance and little resistance to the models that present as alternative source of work in the backwoods.

KEYWORDS: Backwoods. Gender. Culture. Work. Identity.

O discurso tradicional da seca, traçado por uma homogeneização de fome, abandono, ineficiência, que gera um espaço sofredor, torna-se fragilizado diante da atitude cotidiana de sujeitos simples, com pouca escolaridade e muita percepção sobre o que é sobreviver, traduzida pela milenar sabedoria popular do povo local, marcadamente, presente em homens que romperam as barreiras do preconceito e lutam por uma construção permanente da vida no sertão, com seus entraves e virtudes contemporâneos.

Assim, Jaibaras, distrito da cidade de Sobral, situado na região nordeste a 235Km de Fortaleza (CE), apresenta-nos alguns sujeitos que decidiram mudar a sua história de vida. Um lugar de movimento e transformação, transgredindo regras sociais delimitadas historicamente e promovendo com isso outras concepções do que o homem é capaz de fazer através do seu trabalho. Neste estudo, pretende-se estabelecer um diálogo entre as falas dos sertanejos, o campo observado, e a pesquisa teórica empreendida, aproximando o que se viu no campo etnográfico dos discursos já elaborados sobre o sertão do nordeste, para compreensão do fenômeno sócio-cultural.

Eram cinco homens e duas mulheres sentados numa varanda com agulha e pedaços de tecidos de cor branca. O clima, nas tardes, era sempre quente para quem chega do litoral. No entanto, para eles, tratava-se de um dia como ou-

tro qualquer. A presença de um estranho, atento às ações dos sujeitos e uma escuta disponível, uma mistura de encantamento e surpresa naquele lugar. No entanto, tal fato não os interrompe em seus trabalhos. Observa-se que eles conversam enquanto desenham e dão outra forma para aquele pedaço de tecido branco. Percebe-se o quanto eles gostam de contar suas histórias e trajetórias, algo de ideal no discurso, mas que estão de encontro com a realidade. É aí que começa, uma história sobre a relação do homem sertanejo e o bordado.

Sertão, um lugar singular

O sertão permanece registrado, nos outros meios, mas principalmente através da arte em todas as suas expressões, como sendo um lugar singular, cuja cultura, da mesma forma que em outros lugares, está significada de maneira única, uma vez que é através da cultura que o homem desdobra sua capacidade de estruturar sentidos à sua existência. Nessa concepção, os aspectos naturais e sociais estão interligados e não dissociados, ou seja, é a partir da relação entre esses dois campos, o biológico e o social, que o homem se constrói. Geertz conceitua cultura, como resultado de uma descrição e densa interpretativa do observador:

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado às teias de significados que ele mesmo teceu, assume a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1989, p. 4).

Laraia (2005) entende que a maneira que damos sentido ao mundo, através de referências morais e valorativas é decorrente, muitas vezes, de uma herança histórica cultural. A diversidade no comportamento humano, nas suas relações sociais e até das suas posturas corporais são constituintes da cultura. O autor,

para enfatizar as diferenças culturais, refere-se a Marcel Mauss (1872-1950):

Noção de técnica corporal, [em que se lê] uma criança senta-se à mesa com os cotovelos junto ao corpo e permanece com as mãos nos joelhos, quando não está comendo, ela é inglesa. Um jovem francês não sabe mais se dominar: ele abre os cotovelos em leque e apóia-os sobre a mesa. (LARAICA, 2005).

Nesse sentido, tenta-se delinear essa singularidade do sertão, por meio de um recorte de estudo que ressalta o meio social e o sujeito, pois ali se encontra a realização do trabalho rural, entre outras funções, e a mão do sujeito sertanejo agricultor que dará sentido a essa atividade. O sertão e o homem sertanejo partilham uma relação de plena transformação e ressignificação. Então, torna-se fundamental conhecer esse homem do sertão rural, seus valores e o trabalho que até então o define nessa ordem social.

O sertão, geralmente, é definido como uma região geográfica de pouco amparo político e social, onde o desenvolvimento enfrenta duras resistências de ambas as esferas, do poder público e privado, para sua propagação. Vilaça (2003) destaca que a região nordeste possui 1.558.000 quilômetros quadrados e 47,8 milhões de habitantes, e ocupa a porção oriental do Brasil e da América do sul. Apresenta terras cobertas pela caatinga e pelo cerrado, mais secas do que úmidas. Na questão social, o autor revela que 1/3 da população nordestina vive em situação de pobreza crítica, de acordo com Instituto Brasileiro Geográfico Estatístico. Essa parcela da população brasileira sobrevive apenas com uma renda irrisória, que não alcança o valor do salário mínimo. Este, segundo a nossa Constituição Federal art. 7º, inciso IV, deve ser: “[...] capaz de atender às suas necessidades vitais básicas e às de sua família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte, e [...]”.

Todo espaço regional possui significados múltiplos, sentidos ambíguos que são delimitados pela sociedade. Porém, o lugar do

sertão é representado universalmente, por uma idéia de seca, acompanhado de pobreza e sofrimento dos sujeitos que ali vivem. O distanciamento geográfico da “civilização” urbana sustenta o conceito pejorativo que pesa sobre o sertão.

Segundo Roland (2003), a palavra sertão inexistente em outras línguas, sendo sua tradução uma tarefa extremamente difícil. A origem está na língua portuguesa, presente no Brasil desde o século XV, que significa lugares apartados, desertos, estranhos e incultos. No início da colonização portuguesa, o sertão estava designado como um lugar “desconhecido” e “arriscado”, constantemente associado à questão climática da seca. Atualmente, essa percepção, de modo talvez já superado no âmbito da pesquisa acadêmica, estabeleça outros caminhos, considerando o sertão um espaço possível de plena produtividade. Conforme observa França,

Não há como falar em fim de seca, sem falar em uma profunda mudança na estrutura fundiária, com a realização de uma reforma agrária para democratizar o acesso à terra, sem deixar de considerar as especificidades ecológicas, sem se falar em investimentos em saneamento, saúde, educação e nutrição; sem se falar em cidadania (FRANÇA, 2003, p. 136).

Assim, percebe-se o descaso histórico com a região sertaneja, desconstruindo dessa maneira, uma explicação de enfoque exclusivamente natural sobre o isolamento e degradação dessas terras e seus sujeitos. Há no imaginário social uma visão de que a população sertaneja, diante desse lugar de vítima designado por uma classe dominante capitalista, exerça uma postura passiva à espera de dias melhores, com chuvas, ou com a alternativa de buscar uma prosperidade e um reconhecimento da cidadania na zona urbana³.

³ De acordo com os dados do IBGE/Pnad – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, entre 1990 e 2001, cerca de oito milhões de pessoas deixaram o semi-árido: a metade delas com destino a outras regiões do país, em particular ao sudeste, e a outra metade para as maiores cidades do próprio nordeste.

Contudo, Albuquerque (2001) contrapõe a essa percepção de relação de poder, nos espaços sociais, sustentada pela força de uma mão única, sem a implicação de ambas as esferas, dominador e dominante, quando afirma que:

[...] O nordeste e o nordestino miserável, não são um produto de um desvio de um olhar de fala, de um sistema de desvio de poder, mas são inerentes a esse sistema de forças e dele constitutivo. Somos agentes de nossa própria discriminação, opressão ou exploração. Elas não são impostas de fora, elas passam por nós (ALBUQUERQUE, 2001, p. 27).

De acordo com o autor, o nordeste é um desdobramento de uma produção imagético-discursiva, que significa que nossos territórios existenciais são construídos a partir de uma elaboração mental, permeado de experiências, sobretudo afetivas, que foram cristalizadas na história e na cultura da sociedade.

Há uma rede de poder que sustentou e é sustentada por uma identidade regional – um saber regional, saber estereotipado, que designa este espaço geográfico, do sertão nordestino, como lugar de gueto nas relações sociais em nível nacional, como lugar de periferia, da margem dos setores econômicos e políticos, que acaba por transformar seus habitantes em marginais da cultura nacional.

A arte produzida testemunha esse olhar miserável sobre o sertão. A obra de Cândido Portinari, *Retirantes (1944)*, que possui um viés emocional e expressa figuras fantasmagóricas, esqueléticas e trágicas, como manifestação de dor e de miséria humana, uma realidade perversa encontrada no nordeste do Brasil. Essa pintura cristaliza uma imagem tradicional e clássica, que será predominante na visibilidade da região rural, o “drama da seca”:

Nordeste da morte pobre. Nordeste daqueles que só tem o céu para poderem clamar, pedir de joelhos. Pedintes e de joelhos, eis o povo nordestino, maltrapilho, sobre o qual parecem sempre pairar a desgraça, a morte, os urubus (ALBUQUERQUE, 2001, p. 251).



Retirantes (1944), Portinari

No entanto, apesar de tantas limitações, o povo sertanejo tem construído alternativas de sustentabilidade, com bastante criatividade, na própria região que habita, não mais buscando soluções distantes às problemáticas locais, mas através das relações sociais próximas. A organização no trabalho, por exemplo, tem constituído outros papéis e significações à sua identidade. Assim, o nosso olhar é sobre esses sujeitos do gênero masculino, que se encontram no sertão nordestino, cuja função primordial no trabalho é o exercício da agricultura, uma atividade permeada inicialmente por uma tradição familiar, sendo assim o “roçado” um cotidiano que perdura da infância até a idade adulta.

Sertão e trabalho

O trabalho rural é uma herança que vem das nossas raízes da colonização. Esses resquícios deixaram vestígios que são encontrados atualmente na sociedade brasileira, de desorganização e exploração de algumas regiões, como o nordeste. No início da colonização, os portugueses com o espírito de aventureiros exploravam as terras do Brasil de maneira descontrolável e sem compromisso, não havia uma preocupação com o processo de desenvolvimento do trabalho rural, mas apenas o interesse de aproveitar o que a terra poderia lhes oferecer de imediato.

Holanda (1995) em *Raízes do Brasil* enfatiza as relações de poder existentes na colonização, o privilégio para um pequeno grupo e o descaso com uma maioria, tudo se passa no ambiente rural. A presença do patriarcalismo, da ausência de leis universais e a predominância de concessões, ou seja, particularidades que causavam uma “desordem aprovada” no convívio social. Assim, o rural estava desde então sob o poder dos senhores que dominavam a região e proclamavam a lei local. O coronelismo de hoje no nordeste prescreve o que já fora contado pela história de colonização e exploração por estrangeiros nas terras tropicais do Brasil.

No sertão nordestino, predomina o cultivo da terra. O trabalho rural faz parte do cotidiano da família sertaneja, sendo o plantio e o cultivo da terra as principais atividades exercidas nos locais mais longínquos, até mesmo por uma questão de subsistência. A região é geralmente de solo árido. No entanto, o que falta são incentivos econômicos dos órgãos públicos e privados para que seja possível o crescimento, desenvolvimento e autogestão da população sertaneja.

O homem sertanejo agricultor é definido como “cuidador” da terra, de mãos calejadas, de pele escura do sol diário, de chapéu de palha, voz forte, marcas expressivas na face, do trabalho na roça, ou seja, homem forte e provedor da família. A honra e a virilidade do homem do sertão perpassam por tais características que

são internalizadas e cristalizadas a partir de um contexto social, histórico e cultural. Entretanto, em meados século XX, identifica-se um fenômeno que merece uma nova reflexão sobre essa estrutura social do ambiente rural, até então cristalizada: surge a passagem de um trabalho especificamente rural, a agricultura, em que predomina o sujeito masculino, para um outro e novo lugar, que é tradicionalmente representado pela figura feminina, no caso o bordado.

A concepção de trabalho abordada no decorrer da pesquisa privilegia o pensamento de Arendt (1987) que o concebe como a ação que transforma a matéria, ou seja, a mão humana é capaz de produzir um determinado objeto que possui função social. O homem detém o poder de usar o produto, resultado do trabalho, de acordo com os seus desejos. Dessa forma, o trabalho está designado a um processo que envolve uma dinâmica entre o fazer, o criar e o transformar.

Mãos calejadas e viris que aram e bordam

Nolasco estabelece que o trabalho ocupa uma função fundamental na vida do

sujeito, já que é por meio dele que se pode sentir-se reconhecido socialmente, principalmente sob as condições de um sistema patriarcal. Essa ideologia patriarcal concebe que a relação dos homens com seus trabalhos estão fundados numa busca de identificações, não com as singularidades inerentes a cada um, mas com o que neles há de comum com o modelo socialmente definido. O tipo de trabalho realizado personaliza e identifica o sujeito.

Devemos registrar que a importância do trabalho sobre a subjetividade de um homem está no fato de que ele o define como indivíduo, determinando sua forma de expressão e mobilidade social. Um homem é o que ele faz, consciente ou inconscientemente (NOLASCO, 1993, p. 58).

Então, o sujeito agricultor de plena masculinidade, com esse trabalho manual do bordado, passa a ocupar um espaço construído pelo universo feminino. As regras sociais enfatizam que o bordado e a costura requerem mãos naturalizadas femininas, de delicadeza e precisão, características essas não atribuídas às mãos masculinas, pela concepção tradicional dos papéis de gênero. No pequeno distrito de Jaibaras, o relato de um sujeito de 40 anos testemunha essa vivência do trabalho no bordado:

Quando comecei a costurar tinha lá pelos 30, trabalhava na roça, uma terrinha que era do meu pai. Só que não dava mais! Minha mãe bordava (foi ela que me ensinou) e vendia as peças que fazia, então resolvi fazer esse serviço. Foi dureza, no início era segredo, os vizinhos não sabiam que era eu que bordava os panos de mesa. Confesso que tinha vergonha, hoje isso mudou, Já que me acostumei e o meu sustento é o bordado. [sic]

Contudo, verifica-se uma tentativa de ruptura dessas fronteiras sexuais, no contexto rural do sertão nordestino, através do trabalho. Descrevendo-SE, nesse sentido, a partir desses novos contornos, outras possibilidades de significação de um sujeito sertanejo, capaz de “bordar” o seu próprio caminho, que até então estava inscrito na história com um destino estagnado e previsível.

Dessa maneira, elaboram-se discussões teóricas sobre trabalho, identidade e relações de gênero para compreender de que modo a desconstrução dessas estruturas pré-determinadas permeiam o sujeito sertanejo, no momento em que se possibilita buscar outros caminhos para sua realidade, com uma nova função no trabalho. Então, a proposta está em desvelar esses estereótipos, amarras internas, que conduzem à ação do homem sertanejo.

Arando e bordando entre coronéis, bandidos e heróis

Os homens abrem mão da própria liberdade quando negam seus limites, histórias de vida, desejos e sonhos para tentar reproduzir o padrão de comportamento definido a priori.

Boris (2002) destaca o quanto a questão da honra, da moral, acrescentando a coragem e a bravura, são características que impregnam a identidade masculina, especificamente do homem rural, o sertanejo. Na região nordeste, segundo o autor, prevalece o mito do herói sertanejo “Lampião”, cangaceiro que carrega uma identificação do bem e do mal, sendo em muitos momentos históricos definido como diabo e, em outros, como anjo protetor da sua região. Ou seja, percebe-se uma imagem, vinculada ao sertanejo, de masculinidade e de poder em suas ações e pensamentos, sustentada pela representação de um mito glorificado como uma divindade. A investigação de campo nos proporcionou verificar no discurso de um agricultor, as regras morais que lhe foram determinadas:

Meu pai dizia “home” é aquele que pega na enxada, que planta, que “cuidia” da sua roça, desde quatro ano que “trabalho” com terra. É triste quando a terra “ta” seca, nada vinga [sic]

Outro personagem importante para a história do sertão nordestino – o coronel – é referência para a imagem masculina, exercendo domínio econômico, social e político sobre a maioria da população rural sertaneja, já que é o grande senhor de terras. Está fundada a prática do coronelismo na região rural brasileira, responsável pela organização da sociedade rural e que ainda se encontra presente atualmente sob nova roupagem no sertão, com o poder nas mãos de pequenos grupos que possuem domínio político e econômico. Holanda descreve que essa conduta de poder absoluto da aristocracia rural está vinculada na própria história política da monarquia, no Brasil:

Na monarquia eram ainda os fazendeiros escravocratas e eram filhos de fazendeiros, educados nas profissões liberais, que monopolizavam a política, elegendo-se ou fazendo eleger seus candidatos, dominando os parlamentos, os ministérios, em geral todas as posições de mando (HOLANDA, 1995, p. 73).

A identidade sertaneja está assim construída por meio de ideologias e mitos que procuram desenhar e compreender o homem do sertão. Contudo, a identidade é um campo instituído de representações de uma subjetividade inacabada, propícia a transformações.

Esses traços históricos, fundidos em histórias orais da memória de um povo, como em qualquer outra cultura, de espaço e tempos distintos, produz significações históricas e sociais a fim de um reconhecimento da sociedade. Segue relato de um entrevistado, que trabalha com o bordado, e em certo momento fala dos mitos da sua região, figuras respeitadas e idolatradas:

Tem o seu “Honóri” que é conhecido aqui na região, ele sente quando chove. Macho de sabedoria, de vez quando a gente chama pra ele pra cá, pra orientar no nosso plantio. [sic]

Essa resignificação do sujeito estabelece que o homem é um ser histórico-social, que possui características marcadas por um tempo, pela sociedade e suas relações, mas acima de tudo é um ser de capacidade inventiva e construtora do seu cotidiano. Assim, a figura simbólica do macho, de plena virilidade, está propensa a transformações, talvez aproximando os laços que se encontravam tão distantes, entre o masculino e o feminino, em um meio tão rígido e demarcado de funções sociais de gênero como é o sertão nordestino.

Sertão das “muié” e dos “home”, lugar de papéis definidos

De acordo com Badinter (1993), o sujeito está propenso a uma plasticidade humana, de diversidade nas suas ações, símbolos, representações e valores que são apreendidos. A partir dessa perspectiva, a hereditariedade ou fatores exclusivamente biológicos não limitam o homem ao traçar a singularidade do seu destino, ou seja, não há um modelo padrão universal de masculinidade, uma essência que institua a humanidade.

Nessa concepção, a conduta masculina corresponde a uma ideologia que procura legitimar sua dominação nas relações sociais, de um sistema patriarcal, prevalecendo as diferenças radicais de papéis, bloqueando no homem a expressão de qualquer traço de feminilidade, de pacificidade e submissão.

No contexto do sertanejo, está presente a divisão de papéis femininos e masculinos, na ordem familiar – em casa – e na ordem social – no trabalho ou na rua. A mulher, geralmente, é responsável pelo lar, realizando alguns trabalhos domésticos e quando necessário também se dispõe a ir à roça. O homem, de braço firme com sua enxada, desdobra-se para plantar sementes, que muitas vezes não germinam. Nesse sentido, cada um procura corresponder às atribuições de uma demanda inserida pela sociedade através da socialização. Embora haja algumas peculiaridades, com outras possibilidades de comportamento dessa descrição de cotidiano no sertão, essa descreve uma ação constante dos sujeitos que ali vivem.

Diante dessa complexidade de determinações sociais, nota-se que as relações de gênero encontram-se atravessadas pelas instituições e as várias formas de normatização que acabam por grafar o sujeito. Nessa concepção, a descrição do feminino e do masculino está implicada no processo social, de maneira que as impressões sobre o homem e a mulher são representadas singularmente em cada cultura. Seguindo essa reflexão, denomina gênero como: “O conceito [que] pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico” (LOURO, 1999, p. 22). No ambiente rural, os papéis de gêneros são definidos e também construídos:

Aqui homem e mulher têm seus afazeres, a mulher às vezes ajuda nas sementes e na colheita, também cuida das crianças. Agora, algumas coisas me mudaram: costuro, bordo, nunca imaginei que fosse fazer isso. Minhas mãos tinham muitos calos, quase não conseguia segurar na agulha. [sic]

Saffioti ressalta a questão de gênero como um produto cultural que não se opõe à questão biológica, já que ambos são percebidos em relação no campo social. O caráter histórico e social deve ser considerado um instrumento propulsor essencial na construção do gênero. Essas relações de gênero são sustentadas, principalmente, pelas relações de poder geradas a partir dos encontros e desencontros entre o feminino e o masculino, no contexto social: “Como na dialética entre escravo e seu senhor, homem e mulher jogam, cada um com seus poderes, o primeiro para preservar sua supremacia, o segundo para tornar menos incompleta sua cidadania” (SAFFIOTI, 1992, p. 184). Agora, na atividade do bordado, o homem constrói um novo espaço, antes predominantemente regido pela presença do feminino. Esse encontro traçado pelo bordado possibilita identificar também as relações de poder:

A costura e o bordado são o ganha-pão da nossas famílias. Tem muito homi que ainda teima com a terra, mas não dá dinheiro não. Ora, as mulher que tavam comprando a comida com dinheirinho do bordado. Teve um dia que pensei: acho que posso também fazer essa costura. Hoje pago minhas conta e minha mulher não precisa mais trabaia. Digo: tu fica em casa cuidando dos menino que eu agora trabaio no teu lugar. [sic]

Nessas relações de poder, Foucault (1990) destaca que o corpo humano é disciplinado, envolvido na arte das distribuições sociais, as quais designam funções que, ao mesmo tempo, podem acentuar o poder ou também o diminuir, com limitações, proibições ou obrigações. Conforme o autor, o corpo dócil fica disponível à manipulação do social, podendo até ser transformado, toma uma outra dimensão cultural, torna-se um instrumento de comunicação e ação às novas propostas regidas seja por um sistema repressor ou libertino. Observa-se no homem sertanejo, investido desse corpo humano *foucaultiano*, a disposição para uma adequação em uma outra função de trabalho, apesar de alguns entraves sociais serem encontra-

dos, já destacados especificamente por meio das falas dos colaboradores da pesquisa.

O estudo de campo nos possibilitou a percepção da trajetória de mudanças, a partir do trabalho, dos sertanejos com seus estorvos. Esse fenômeno está permeado, nos discursos, principalmente de um sofrimento que gera ação e transformação nas relações desses homens e o sertão. A experiência e o contato estabelecido no campo nos levam a reconhecer a emergência de um novo homem capaz de tecer o seu destino e nos apresentar outras formas de inclusão, pela mão do trabalho – do arado ao bordado.

Neste sentido, constata-se na investigação essas e outras posturas do sertanejo observado, do gênero masculino que por intermédio do trabalho está produzindo sentidos às suas relações sociais, definindo alternativas de sustentabilidade (suporte econômico) e identidade (suporte social). O sertão, um lugar onde prevalecia a ordem do cultivo à terra, nos apresenta uma *desordem*, ao mostrar uma mobilidade possível por meio do trabalho. Então, o sertão possui outros caminhos a serem descobertos e não se encontra estático, mas em constante movimento, dinâmica essa em que o sujeito transforma-se com a escolha de um tipo de trabalho que o personalize e o identifique em sua singularidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2001.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

BADINTER, Elizabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BORIS, Georges D. Bloc. *Falas de Homens: a construção da subjetividade masculina*. São Paulo: Annablume, 2002.

FABBRI, Angélica Policeno (Org). *Brincando com arte*: Portinari. São Paulo: Noovha América, 2004.

FRANÇA, Luis Celestino de. Seca. In: CARVALHO, Gilmar de. *Bonito pra chover*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ROLAND, Ana Maria. A terra de exílio e o sertão redimido: notas sobre a crônica sertaneja em José de Alencar. In: CARVALHO, Gilmar de. *Bonito pra chover*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. São Paulo/Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas/Rosa dos Tempos, 1992.

SANTOS, M. Inês Detsi de Andrade. *Gênero e comunicação: o masculino e feminino em programas populares de rádio*. São Paulo: Annablume, 2004.

VILAÇA, Marcos Vinícios. *Coronel, coronéis: apogeu e declínio do coronelismo no nordeste*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.